

A OPERAÇÃO SEMÂNTICA DE PARAR E DEIXAR
STOPPING AND LEAVING, A SEMANTIC OPERATION

Roberlei Alves Bertucci¹

RESUMO: O objetivo deste trabalho é verificar a operação semântica dos aspectuais parar e deixar, e mostrar as diferenças e semelhanças entre eles. Intuitivamente, a característica que mais aproxima parar de deixar é justamente o fato de ambos informarem a interrupção de um dado evento. Como se verá, há diferenças quanto à seleção dos complementos, ao output da operação que realizam e às leituras que oferecem às sentenças em que ocorrem.

PALAVRAS-CHAVE: Verbos aspectuais. Classes vendlerianas. Eventualidades segmentais e incrementais.

ABSTRACT: This work investigates the semantic operation made by parar ‘to stop’ and deixar ‘to quit’ in Brazilian Portuguese. It also shows some similarities and differences between these verbs. Intuitively, their common feature is that they express the interruption of a given event. We will observe some difference with respect to i) the complements which they select for; ii) the output of their semantic operation and iii) the possible readings for the sentences which they occur.

KEYWORDS: Aspectual verbs. Vendlerian classes. Segmental and incremental eventualities.

Introdução

Este trabalho investiga a contribuição semântica dos verbos *parar* e *deixar* em português brasileiro (doravante, PB) nas sentenças em que eles formam uma perífrase com *de* + *infinitivo*. Nesse ambiente, chamaremos *parar* e *deixar* de verbos aspectuais, considerando com Laca (2002; 2004) e Wachowicz (2008), entre outros, que um verbo aspectual denota não uma eventualidade, mas uma parte da estrutura temporal de uma eventualidade.

Alguns trabalhos em PB analisaram, ainda que de forma breve, as perífrases com os verbos *deixar* e *parar*. Castilho (1967), por exemplo, não trata de *parar*, mas insere a perífrase *deixar de* + *infinitivo* no rol daquelas que expressam o aspecto terminativo, como *cessar de* ou *terminar de* seguidas de infinitivo. Para Castilho (1967, p. 79), “quando a ação terminou após ter durado estamos diante do aspecto imperfectivo terminativo”.

¹ Doutor em Linguística pela Universidade de São Paulo – USP, tendo feito parte de seu doutorado na Université Paris/ França. Professor de Ensino Superior da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR-Câmpus Curitiba. E-mail: roberleib@hotmail.com

Outro trabalho sobre perífrases em PB é o de Travaglia (2006). Nele, o autor diz que “a perífrase *deixar de + infinitivo* não marca qualquer aspecto”, mas indica uma interrupção ou não-realização de uma situação (Travaglia 2006, p. 200). Porém, junto com a perífrase *estar + gerúndio*, *deixar de + infinitivo* pode expressar o aspecto terminativo, como temos em (1).

(1) Celso *está deixando de fumar*. (Travaglia, 2006, p. 200)

Para Travaglia (2006, p. 90), o aspecto terminativo é aquele que expressa uma situação em seu momento de término ou em seus momentos finais e é isso o que tínhamos em (1), segundo o autor, com relação à situação (hábito) de fumar.

Quanto à perífrase *parar de + infinitivo*, Travaglia (2006, p. 201) considera que ela só “marca aspecto acabado, com valor cessativo” se estiver no pretérito ou no mais-que-perfeito, como em (2). Ela marca o aspecto terminativo se estiver acompanhada de *estar + gerúndio* (3), como acontece com *deixar de + infinitivo*. Nos outros casos, não marca qualquer aspecto.

(2) Parei de comprar neste armazém. (Travaglia, 2006, p. 201)

(3) Seu irmão *está parando de estudar*.

Travaglia diz que em (2), a situação de comprar *está* acabada e a noção de cessamento decorre do fato do locutor negar a continuidade do evento no momento da fala. Por isso, o locutor utiliza *parei*, no pretérito perfeito. Já em (3), a situação de estudar *está* sendo mostrada em seus momentos finais, o que, segundo Travaglia (2006), é característica do aspecto terminativo.²

Neste trabalho, não diremos em nenhum momento que as perífrases com *parar* e *deixar* denotam o aspecto terminativo, mas que esses dois verbos são verbos aspectuais no sentido de Laca (2002; 2004) e Wachowicz (2008). Alguns trabalhos sobre essa classe de verbos – Freed (1979), Rochette (1988; 1999), Bertucci *et al.* (2010) – sustentam que as operações realizadas por esses verbos estão sujeitas ao tipo de eventualidade selecionada. Assim, eles impõem determinadas condições a essa eventualidade para que possam realizar uma operação aspectual. Por exemplo, levando em conta as classes vendlerianas (estados, atividades, accomplishments e achievements), aspectuais como *começar* selecionam atividades (4a) ou accomplishments (4b), mas não estados (4c) ou achievements (4d).

- (4) a. Ivo *começou a dançar*.
b. Ivo *começou a construir a casa*.
c. *Ivo *começou a ser o gerente da loja*.
d. *Ivo *começou a nascer*.

² Para uma discussão sobre aspecto terminativo, consultar Bertucci (2010a).

Olhando para os dados em (4), poderíamos sugerir que os verbos aspectuais selecionam eventualidades durativas; como *achievements* não são durativos, eles não podem ser selecionados. Mas isso não explicaria por que estados não são selecionados, se eles são eventualidades que duram – na verdade, são durativos por natureza.

Poderíamos levantar uma outra hipótese: *começar* e outros verbos são aspectuais que exigem que as eventualidades selecionadas sejam constituídas de estágios – na terminologia de Rothstein (2004). Por “ter estágios”, considera-se uma eventualidade que tenha partes, ou eventos menores que a constituam. Veremos mais detalhes sobre isso na seção 2.

No entanto, nem todos os verbos aspectuais exigem que seu complemento tenha estágios, obrigatoriamente. Como se disse em Bertucci (2009), o aspectual *passar* seleciona eventualidades com ou sem estágios (estativos, e.g.), e isso se demonstra pelo dado em (5c).

- (5)
- a. Ivo passou a correr.
 - b. Ivo passou a construir a casa.
 - c. Ivo passou a ser o gerente da loja.
 - d.*Ivo passou a nascer.

O leitor percebe que *passar* aceita eventualidades estativas (5c), de *começar* (4c). Essa diferença na seleção se relaciona também com o resultado da operação do aspectual sobre a sentença. Na verdade, sentenças com *começar* têm leitura de eventualidades com estágios (incrementais, no sentido de Landman 2008), enquanto aquelas com *passar* têm leitura de eventualidades sem estágios (segmentais, no sentido de Landman 2008). Uma prova para isso vem do fato de apenas sentenças com *começar* aceitarem a operação do progressivo (6), ao contrário das sentenças com *passar* (7).³

- (6)
- a. Ivo está começando a construir a casa.
 - b. Ivo está começando a correr.
- (7)
- a.*Ivo está passando a construir a casa.
 - b.*Ivo está passando a correr.
 - c.*Ivo está passando a ser o gerente da loja.

Mas o que ocorre com *parar* e *deixar*? Mostraremos que *deixar* e *parar* denotam a interrupção de uma determinada eventualidade, mas que *deixar* (9), como *passar* (5), aceita eventualidades estativas como input, ao contrário de *parar* (8), que tem a mesma seleção de *começar* (4).

³ Para detalhes sobre a diferença entre eventualidades segmentais e incrementais, ver Landman (2008).

- (8) a. Ivo parou de dançar.
b. Ivo parou de construir a casa.
c.*Ivo parou de ser o gerente da loja.
d.*Ivo parou de nascer.
- (9) a. Ivo deixou de dançar.
b. Ivo deixou de construir a casa.
c. Ivo deixou de ser o gerente da loja.
d.*Ivo deixou de nascer.

Esse fato é semelhante ao que vimos com *começar* e *passar*: sentenças com *parar* têm leitura de eventualidade com estágios; aquelas com *deixar* têm leitura de eventualidades estativas.

Apesar da expressão de interrupção parecer comum a *parar* e *deixar*, este segundo verbo não precisa, necessariamente, pressupor o início do evento, como acontece sempre que a leitura é de interrupção, afinal, se o evento foi interrompido, é porque foi também iniciado. *Deixar* pode também falar da negação do evento. Seriam os casos em que Travaglia (2006) fala da não-realização de uma situação. Vejamos os exemplos a seguir.

- (10) a. Pedro parou de ler para ver TV.
b. Pedro deixou de ler para ver TV.

Nesses casos, verificamos que, enquanto a sentença com *parar* em (10a) pressupõe o início do evento, aquela com *deixar*, em (10b), não tem necessariamente essa pressuposição e pode apenas negar a existência do evento de ler.

Sendo assim, as perguntas que queremos responder nesse artigo são: i) quais as razões que levam *parar* e *deixar* a ter leituras equivalentes em alguns contextos e diferentes em outros? e ii) em que sentido as operações desses aspectuais podem ser comparadas àquelas realizadas por *começar* e *passar*?

Na seção 2, tratamos da seleção dos complementos dos dois aspectuais discutidos neste trabalho e, na seção 3, sugerimos o tipo de operação realizada por eles na língua, de modo a explicar as leituras desencadeadas pelas sentenças que os contêm.

1. A seleção dos complementos

Bertucci *et al.* (2010) defendem que verbos aspectuais como *começar*, *parar* e *terminar* selecionam eventualidades compostas por estágios, i.e., cujo sintagma verbal (VP) tenha a propriedade [+estágios]. Rothstein (2004) propõe que as quatro classes de Vendler (estados, achievements, atividades e accomplishments) possam ser divididas de acordo com duas propriedades: telicidade e estágios (\pm télico; \pm estágios). Para a autora, telicidade está relacionada à uma homogeneidade (ou não) das eventualidades, que pode ser verificada a partir da possibilidade de se somar eventos do mesmo tipo. Ela diz que “o que distingue predicados atéticos de télicos é o que podemos chamar formalmente de S-cumulatividade” (Rothstein 2004, p. 9);⁴ apenas predicados atéticos têm essa propriedade.

S-cumulatividade é a propriedade que distingue eventualidades como *corrigir uma prova* e *correr*. Eventos atéticos, como *correr*, podem ser colocados juntos, somados e formar um único evento. Se uma pessoa correu durante algum tempo, parou um pouco para tomar um fôlego, depois correu mais um pouco, podemos somar as suas duas corridas e dizer simplesmente que essa pessoa correu. Isso ocorre porque há uma certa homogeneidade em eventos atéticos como *correr*, que é, portanto, S-cumulativo.

Por outro lado, um evento télico como *corrigir uma prova* é diferente: se a professora corrigiu uma prova, descansou um pouco, depois corrigiu uma (outra) prova, não podemos juntar os dois eventos e dizer simplesmente que a professora corrigiu **uma** prova. Nesse caso, dizemos que ela corrigiu **duas** provas, e a razão disso é que eventos télicos não são homogêneos como são os atéticos.

Rothstein (2004) assume que “ter estágios” é a segunda propriedade capaz de explicar a diferença entre as classes de Vendler. Ela é definida como a propriedade (ou possibilidade) de um evento aparecer no progressivo (um evento tem estágios só se ele puder aparecer no progressivo). Nós podemos entender essa propriedade assim: um evento tem estágios se ele tem diferentes subeventos que ocorrem em momentos diferentes. Mas por que ter ou não ter estágios é importante para caracterizar as classes vendlerianas?

A resposta de Rothstein (2004, p. 11) é que “um verbo no progressivo afirma que uma eventualidade de um tipo particular está ‘em progresso’ ou ‘continua’”,⁵ o que é natural para atividades e predicados accomplishments, mas não para estados e achievements: estados não

⁴ Todas as traduções feitas neste artigo são nossas.

⁵ Rothstein (2004, p.12) mostra que Landman (1992) considera o progressivo como um meio de apresentar um estágio de uma dada eventualidade, i.e., há uma ligação entre a propriedade de ter estágios e o progressivo.

são gramaticais no progressivo porque eles não são dinâmicos e não têm estágios identificáveis; achievements não têm estágios porque são eventos de natureza instantânea.

Assim, com base nas propriedades [\pm télico] e [\pm estágios], Rothstein (2004) propõe a seguinte caracterização para as classes de Vendler (1967):

(11) As propriedades das quatro classes de Vendler (1967)

Classe	(\pmestágios)	(\pmtélico)	Exemplos de eventualidades
Estados	–estágio	–télico	<i>ser alto, ser brasileiro</i>
Achievements	–estágio	+télico	<i>entregar uma prova, vender a lata</i>
Atividades	+estágio	–télico	<i>correr, dançar</i>
Accomplishments	+estágio	+télico	<i>comer três maçãs, corrigir uma prova</i>

Seguindo a discussão anterior e o quadro em (11), uma eventualidade estativa como *ser brasileiro* é uma eventualidade sem estágios, já que não possui subeventos: se eu sou brasileiro, eu não tenho como identificar momentos diferentes ou partes dessa eventualidade. Ao mesmo tempo é uma eventualidade atética, porque é uma eventualidade toda homogênea.

Como os estados, uma eventualidade achievement também não têm estágios, já que é instantânea: a entrega de uma prova se dá num momento específico e preciso, sem divisão em partes ou momentos diferentes. No entanto, achievements são télicos, portanto, não são S-cumulativos: não é possível somar duas eventualidades de entregar uma prova e obter como resultado outra eventualidade de entregar uma prova.

As atividades, por sua vez, têm estágios, porque têm subeventos: na eventualidade de dançar, por exemplo, cada passo sincronizado no ritmo da música pode ser considerado um subevento de dançar. Somamos esses subeventos e temos o que chamamos de “dançar”. Eventos como *pular*, no entanto, têm subeventos bem definidos: cada pulo é um subevento de pular.⁶ Apesar de ter estágios, atividades são atéticas e homogêneas (S-cumulativas): podem ser juntadas, somadas e não possuem um ponto final.

Finalmente, os accomplishments são eventos com estágios, com subeventos (quase sempre facilmente percebidos): em *corrigir uma prova*, cada questão pode ser considerada um estágio no processo de correção da prova. Além disso, accomplishments são télicos porque têm um ponto final (no caso de *corrigir uma prova*, a última questão). Rothstein (2004, p. 21) diz que “intuitivamente, um accomplishment é uma atividade que se move em direção a um ponto final”, i.e., uma atividade com uma culminação. Devido à telicidade (culminação),

⁶ Considerando, claro, um contexto que implique mais de um pulo como em *Ivo pulou durante 5 minutos*.

accomplishments não são S-cumulativos, pois não se pode formar, a partir de dois eventos de corrigir uma prova, um evento singular de corrigir uma prova, como se faz com as atividades.

Olhando os dados em (12) e (13), a hipótese de Bertucci *et al.* (2010) de que verbos aspectuais como *começar* e *parar* selecionam eventualidades com estágios ([+estágios]) parece estar correta, porque essa é de fato a única propriedade partilhada pelas atividades (12a) e accomplishments (12b). Por outro lado, tal hipótese não vale para explicar a seleção dos aspectuais *passar* e *deixar*, porque ambos selecionam algumas eventualidades estativas.⁷

- (12) a. Ivo começou a/parou de dançar.
b. Ivo começou a/parou de construir a casa.
c.*Ivo começou a/parou de ser o gerente da loja.
d.*Ivo começou a/parou de nascer.
- (13) a. Ivo passou a/deixou de dançar.
b. Ivo passou a/deixou de construir a casa.
c. Ivo passou a/deixou de ser o gerente da loja.
d.*Ivo passou a/deixou de nascer.

Como nos mostram os exemplos em (12a;13a) e (12b;13b), todos os verbos aspectuais selecionam eventualidades com estágios e nenhum deles aceita eventualidades achievements (12d;13d). No entanto, apenas *passar* e *deixar* selecionam eventualidades estativas, como vemos em (12c) e (13c), respectivamente. Na seção 2, defenderemos que esse fato se liga às operações realizadas por *parar* e *deixar* em PB.

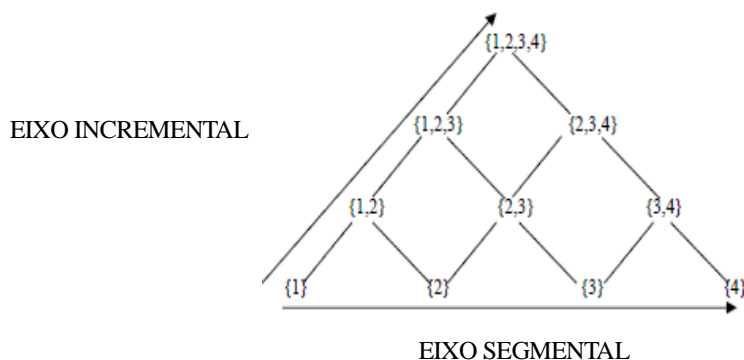
2. As operações de *parar* e *deixar*

Vamos levantar a hipótese de que as diferenças na seleção de eventualidades que vimos na seção anterior decorra justamente das operações diferentes realizadas por *parar* e *deixar* em PB. Consequentemente, há diferença na leitura das sentenças com tais verbos. Portanto, nessa seção, vamos mostrar qual a operação desses aspectuais em PB e as consequências disso para as leituras presentes nas sentenças com esses aspectuais.

Primeiramente, olhemos o trabalho de Landman (2008) a respeito das eventualidades segmentais (estativas) e incrementais (com estágios). Observemos o esquema a seguir.

⁷ Por questões de espaço, não podemos discutir aqui os diferentes tipos de eventualidades estativas. Ao leitor interessado, indicamos o trabalho de Cunha (2005).

(14)



Para Landman (2008), eventualidades com estágios/subeventos estão no eixo incremental, o que significa que devemos olhar diagonalmente a composição de suas partes. Se tomarmos, por exemplo, um evento como *valsar*, cada parte do eixo incremental poderá ser lido como uma parte diferente do evento total de *valsar*, i.e., os números entre chaves do eixo incremental representam diferentes subeventos de *valsar*. As *pausas* são absolutamente naturais para predicados incrementais, de modo que não importa se o dançarino parou alguns momentos para tomar água ou porque esperou a transição entre uma música e outra, porque numa situação de *valsar 30 minutos* essas pausas não afetarão o evento. Incrementalmente, mesmo com pausas, os subeventos de *valsar* terão as mesmas propriedades do evento todo.

Por outro lado, as eventualidades segmentais estão localizadas no eixo segmental, o que significa que devemos olhar horizontalmente a composição de suas partes. Se tomarmos, por exemplo, um evento como *ser feliz*, cada parte do eixo segmental precisa ser igual uma à outra; por isso não faz sentido se falar em partes diferentes nem pausas para predicados segmentais.

Dessa forma, a partir dessas diferenças, Landman (2008) explica que predicados segmentalmente homogêneos são verdadeiros em pontos, por exemplo, no ponto “agora” (15a). Predicados incrementalmente homogêneos, por outro lado, não são verdadeiros em pontos (15b). Por isso, em inglês (e português), sentenças com esses predicados precisam do aspecto progressivo, cuja função é projetar o predicado do eixo incremental para o segmental (15c), permitindo que o predicado seja verdadeiro no ponto “agora”.

(15) a. John is happy (right now).

‘João está feliz (neste exato momento)’

b. #John waltzes (right now).⁸

‘João valsa (neste exato momento)’

⁸ Essa sentença só pode ser usada numa leitura habitual.

c. John is waltzing (right now).

‘John está valsando (neste exato momento)’

Partindo do trabalho de Landman (2008), vamos propor que o verbo *parar* em PB tenha a função de tomar uma eventualidade (e') de tipo V como input, e expressar como output uma outra eventualidade (e), que tenha características incrementais. Em (16) desenvolvemos a entrada lexical de *parar*, que é dada em (17).

(16) Considere que:

a. $V = \langle e, t \rangle$: um verbo seja a função de eventualidade para valores de verdade.⁹

b. *Parar de V* = $\langle e, t \rangle$: *parar de V* seja também uma função de eventualidades para valores de verdade.

c. *Parar* $\langle \langle e, t \rangle, \langle e, t \rangle \rangle$ = seja um modificador de predicados de eventualidades; ele se combina com um V a fim de retornar um conjunto (uma abstração lambda) de eventualidades. O seu output (e) é de tipo incremental e é a interrupção (i) de uma eventualidade V:

(17) $[[\text{parar}]] = \lambda V \lambda e_{\langle \text{incr} \rangle}. \exists e \exists e' = i(e', V)$

Dessa proposta, segue (18):

(18) a. e é também um evento, de tipo incremental; e

b. e é a interrupção de e' .

Podemos verificar essa proposta por meio da sentença em (19), em que as condições de verdade são dadas a seguir, em (20).

(19) Ivo parou de fumar.

(20) a. **Ivo parar de fumar** é também um evento; e

b. **Ivo parar de fumar** é a interrupção (i) de **Ivo fumar**.

Assim, como nos mostram (19) e (20), a operação de *parar* sobre uma eventualidade e' de tipo V (no caso, uma atividade), resulta numa outra eventualidade (e) que denota a interrupção de e' e tem características incrementais, como veremos um pouco mais adiante.

Por outro lado, propomos que *deixar* em PB tenha a função de tomar uma eventualidade (e') de tipo V como input, e expressar como output uma eventualidade (e), que tenha características segmentais. Em (21) desenvolvemos a entrada lexical de *deixar*, dada em (22).

(21) Considere que:

⁹ “Verbo” aqui pode ser entendido como “predicado”.

- a. $V = \langle e, t \rangle$: um verbo seja a função de eventualidade para valores de verdade.
- b. *Deixar de* $V = \langle e, t \rangle$: *deixar de V* seja também uma função de eventualidades para valores de verdade.
- c. *Deixar* $\langle \langle e, t \rangle, \langle e, t \rangle \rangle =$ seja um modificador de predicados de eventualidades; ele se combina com um V a fim de retornar um conjunto (uma abstração lambda) de eventualidades. O seu output (e) é de tipo segmental e é a interrupção (i) de uma eventualidade V :

(22) $[[\text{deixar}]] = \lambda V \lambda e_{\langle \text{seg} \rangle}. \exists e' \exists e'' = i(e', V)$

Dessa proposta, segue (23):

- (23) a. e é também um evento, de tipo segmental; e
- b. e é a interrupção de e' .

Vamos testar essa proposta com a sentença em (24), em que as condições de verdade são dadas a seguir, em (25).

(24) Ivo deixou de fumar.

- (25) a. **Ivo deixar de fumar** é também um evento; e
- b. **Ivo deixar de fumar** é a interrupção (i) de **Ivo fumar**.

Dessa forma, como nos mostram (24) e (25), a operação de *deixar* sobre uma eventualidade (e') de tipo V (no caso, uma atividade), resulta numa outra eventualidade (e) que denota a interrupção de e' e tem características incrementais, como veremos mais adiante.

Se estamos corretos quanto à operação desses dois verbos em PB, podemos fazer as seguintes previsões: i) sendo de tipo incremental, sentenças com *parar* podem aparecer no progressivo com o sentido de *nesse exato momento* e, sendo de tipo segmental, sentenças com *deixar* não podem aparecer no progressivo com esse sentido; ii) sendo incrementais, sentenças com *parar* podem relatar uma pausa e um retorno à atividade, o que não é possível em sentenças com *deixar*, porque elas são de tipo segmental e iii) sendo de tipo incremental, sentenças com *parar* podem aparecer em contextos com *começar* ou *terminar*, que também são de tipo incremental (cf. Bertucci 2010b), o que não é possível com *deixar*, por ser de tipo segmental. Vamos testar nossas previsões.

Nossa primeira previsão dizia que as sentenças com *parar* (26a), mas não com *deixar* (26b) poderiam aparecer no progressivo, quando a leitura for de *neste exato momento*. Como se vê, os dados a seguir atestam essa previsão.

- (26) a. João está parando de correr neste exato momento.

b.#João está deixando de correr neste exato momento.

A segunda previsão que fizemos foi a de que, ao contrário das sentenças com *deixar* (27a), apenas as sentenças com *parar* (27b) poderiam relatar uma pausa e um retorno à atividade. Isso ocorre porque, como vimos antes, as pausas são naturais para eventualidades incrementais, mas não para as eventualidades segmentais (cf. Landman 2008). Esta previsão é atestada pelos dados abaixo.

(27) a. João parou de correr por dois anos, mas depois voltou [a correr].

b.#João deixou de correr por dois anos, mas depois voltou [a correr].

Finalmente, a última previsão que fizemos foi a de que sentenças com *parar* podem aparecer em contextos com *começar* (28a) ou *terminar* (28b), porque esses aspectuais também formam sentenças do tipo incremental. Por outro lado, isso não é possível com *deixar*, justamente por seu caráter segmental (28c-d).

(28) a. João começou a escrever a tese, mas parou [de escrever ela] por falta de ideias.

b. Joao parou de escrever a tese, mas disse que vai terminar [de escrever ela].

c.#João começou a escrever a tese, mas deixou [de escrever ela] por falta de ideias.

d.#João deixou de escrever a tese, mas disse que vai terminar [de escrever ela].

Até aqui, nossa hipótese de que *parar* e *deixar* tenham diferenças com relação aos seus outputs (incremental e segmental, respectivamente) parece estar correta. Entretanto, ainda não respondemos por que *deixar* seleciona eventualidades estativas, ao contrário de *parar*, como se vê nos exemplos em (29a-b).

(29) a. João deixou de ser o gerente da loja.

b.*João parou de ser o gerente da loja.

Nossa resposta é que *deixar* seleciona alguns estativos como *ser gerente da loja* como input, porque seu output é também uma eventualidade estativa, sem estágios. Aliás, vimos que *deixar* não aparece nos contextos de incrementalidade, mesmo operando sobre eventualidades incrementais, do tipo *correr* ou *escrever a tese*; com esses predicados, sua leitura é habitual. Isso significa que é mais fácil uma eventualidade com estágios ter leitura estativa (habitual e sem estágios, por exemplo), do que o contrário. Acreditamos também que essa é a razão pela qual *parar* não opera sobre eventualidades estativas, como vemos em (29b).

Um outro ponto importante diz respeito à leitura de negação, em que o início do evento não é pressuposto nas sentenças com *deixar*, em casos do tipo (30).

(30) a. João deixou de ser o gerente da loja.

- b. João deixou de correr.
- c. João deixou de escrever a tese.
- d. João deixou de comprar o livro.

Olhando para os casos em (30), vemos que a leitura de interrupção é a única possível em (30a). Em (30b), se se tratar de uma situação habitual em que João parou definitivamente de correr, também a única leitura possível é a de interrupção; se a leitura for de um evento único (o João deixou de correr para ver o jogo, por exemplo), a leitura pode ser também a de negação do evento. Em (30c), a leitura de negação do evento é a preferencial, e tal leitura é a única possível em (30d). Mas qual o traço comum que desencadeia essas leituras?

No primeiro caso, com relação à interrupção, vemos que o traço que desencadeia tal leitura pode ser o [-télico]. Mas nos parece igualmente importante observar que, em sentenças com características segmentais (estativo, habitual), *deixar* denota a interrupção dessa eventualidade. No segundo caso, com relação à leitura de negação do evento, o traço saliente é o [+télico]: se a sentença for composta de uma eventualidade télica a leitura (preferencial, ao menos) é a de negação do evento. Isso pode explicar também o caso de certos imperativos encontrados na língua. Vejamos dois exemplos:

- (31) a. Não deixe de votar.
b. Não deixe de aproveitar nossas ofertas.

O primeiro caso faz parte de uma propaganda veiculada pelo Tribunal Superior Eleitoral na época de eleições e, o segundo caso, é comum na divulgação de ofertas na mídia. Em ambos, as eventualidades *votar* e *aproveitar nossas ofertas* são télicas, e não possuem leituras estativas ou habituais, o que faz com que a leitura com *deixar* seja de fato a de negação. Como há uma outra negação presente, essa duplicidade desmonta a leitura negativa da sentença, dando a ela uma leitura afirmativa: *não deixe de votar* significa: vote; e *não deixe de aproveitar nossas ofertas*, significa: aproveite nossas ofertas.

Conclusão

Neste trabalho, vimos que *parar* e *deixar* têm outputs diferentes com relação à operação que realizam: o primeiro, denota uma eventualidade com características incrementais (com estágios) e o último, uma eventualidade com características segmentais (estativa). Vimos também que ambos podem denotar a interrupção da eventualidade. *Deixar*, além disso, pode

negar a ocorrência do evento, se o complemento for uma eventualidade [+télica]. Os fatos apresentados favorecem uma leitura de complementariedade entre esses aspectuais, o que explicaria por que dois verbos de expressão semântica parecida sobrevivem na mesma língua. Uma última observação: Ana Scher questionou sobre as expressões *largar de* e *largar mão de*, encontradas na oralidade em PB. Aparentemente, a primeira tem a mesma função de *parar*, enquanto a segunda parece mais comum em sentenças com o imperativo. Por razão de espaço, não tratamos dessas expressões, e deixamos a questão em aberto a futuras pesquisas.

Referências

BERTUCCI, R. (2009). Some remarks on começar and passar in Brazilian Portuguese. Apresentação no 9th Chronos, Paris: Université Paris-Diderot. Handout.

_____. (2010a). Auxiliares terminativos em português brasileiro. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v.12(1).

_____. (2010b). Eventualidades incrementais e a operação semântica de terminar. São Paulo: Universidade de São Paulo. Manuscrito submetido.

BERTUCCI, R.; PARAGUASSU, N. LUNGUINHO, M.V. (2010). Bare plurals and achievements verbs: a case study of aspectual verbs. **Journal of Portuguese Linguistics**, v.9, n.1.

CASTILHO, A. (1967). Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. **Alfa**, v.12, p.7-135.

CUNHA, L. F. (2005). Reconsidering Stative Predications, their Behaviour and Characteristics, Porto: **Cadernos de Linguística** n. 11. CLUP.

FREED, A. (1979). **The semantics of English aspectual complementation**. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company.

LACA, B. (2002). Spanish ‘aspectual’ periphrases: Ordering constraints and the distinction between situation and viewpoint aspect, in: J. Gutiérrez-Rexach (ed.), **From words to discourse. Trends in Spanish semantics and pragmatics**. Oxford: Elsevier.

_____. (2004). Romance ‘aspectual’ periphrases: Eventuality modification versus ‘syntactic’ aspect, in: J. Lecarme; J. Guéron(eds.). **The Syntax of Time**. MIT Press, pp. 425-440.

LANDMAN, F. (1992). The progressive. **Natural Language Semantics** 1, pp. 1-32.

LANDMAN, F. (2008). 1066: differences between tense-perspective-aspect systems of English and Dutch. In: Rothstein, S. (ed.) **Theoretical and Crosslinguistic Approaches to the Semantics of Aspect**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 107-166.

ROCHETTE, A. (1988). *Semantic and Syntactic Aspects of Romance Sentential Complementation*. PhD dissertation. Cambridge: MIT.

_____. (1999). The selection properties of aspectual verbs, in: Johnson, K.; Roberts, I. (eds.), **Beyond Principles and Parameters: Essays in Memory of Osvaldo Jaeggli**. Dordrecht: Kluwer.

ROTHSTEIN, S. (2004). **Structuring Events**. Oxford: Blackwell.

TRAVAGLIA, L.C. (2006). **O aspecto verbal no português: a categoria e sua expressão**. 4.ed. Uberlândia: Editora da Universidade Federal de Uberlândia.

VENDLER, Z. (1967). Verbs and times. **Linguistics in Philosophy**. Ithaca: Cornell Univ. Press.

WACHOWICZ, T. (2008). Telicidade e classes aspectuais. **Revista do Gel**, v. 5, n.1, pp. 57-68.